



I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: *Linguagens e Leituras*  
III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura  
VII Encontro Local do PROLER  
UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009

## **MAÍRA: A MITIFICAÇÃO DO PARAÍSO<sup>1</sup>**

Rosângela Cidreira<sup>2</sup> UESC rocidrei2@hotmail.com  
Maria de Lourdes Netto Simões<sup>3</sup> UESC

**Resumo:** Considerando a necessidade de se pesquisar sobre o mito e sua relação com o fenômeno literário, este trabalho apresenta uma análise possível da relação existente entre o texto *Maíra* (1976), de Darcy Ribeiro, e o *Mito do Paraíso* (CHAUÍ, 2000). Assim, objetiva-se aqui analisar o referido romance, relacionando-o com outras obras da literatura brasileira, a saber: *A Carta*, de Pero Vaz de Caminha; *Macunaíma*, de Mário de Andrade; e *Ubirajara*, de José de Alencar. O estudo desenvolve-se por meio das seguintes etapas: análise do material biográfico e crítico sobre Darcy Ribeiro e sua obra, principalmente sobre *Maíra*, objeto principal deste estudo; análise dos outros textos literários a serem referidos comparativamente. A narrativa é analisada buscando reconhecer a presença do mito do paraíso também denominado mito fundador e os seus três componentes essenciais: a sagração da natureza (visão do paraíso), a palavra de Deus (história) e a vontade de Deus (Estado). Em perspectiva comparativista, as outras obras são tomadas com o objetivo de estabelecer relações acrescentadoras da reflexão teórica.

**Palavras-chave:** Mito. Paraíso. Literatura. Índios.

O mito e o paraíso são temas presentes e recorrentes na Literatura. O mito traz uma percepção, uma visão geral dos primórdios, de como tudo começou. O rito liga-se diretamente à existência do mito para que esse possa sobreviver ao tempo. A Divina Comédia, de Dante Alighieri, apresenta o terceiro livro intitulado *Paraíso* comprovando ser essa temática há muito abordada pela literatura. Assim, o principal objetivo deste trabalho é reconhecer a presença do Mito do Paraíso, também denominado Mito Fundador, na Literatura, em especial no romance *Maíra* (1976), de Darcy Ribeiro, objeto deste artigo.

---

<sup>1</sup> Artigo revisto; anteriormente apresentado e publicado nos Anais do III Seminário de Literatura Brasileira: Os Norte e os Sertões Literários do Brasil, 2009.

<sup>2</sup> Mestranda. Programa Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz.

<sup>3</sup> Professora Orientadora da referida estudante no Programa Linguagens e Representações da UESC.

O primeiro livro bíblico, Gênesis, constitui o ponto de partida para as visões do Paraíso. Esse livro narra a origem do homem, da sua cultura e do seu mundo. A criação do Éden, um jardim deleitoso, onde o Senhor Deus fez nascer a luz, o verde e as árvores frutíferas e fez surgir também Adão e a sua companheira Eva, para uma vida de eterna harmonia, felicidade e abundância. O Éden bíblico possui as características do mito cosmogônico, o mito que explica e interpreta a origem do Cosmo. Segundo Santana (2007, p.32), “[...] os mitos cosmogônicos não podem ser indissociados dos mitos da Idade do Ouro, pois os mitos da criação, na maioria das vezes, como é o caso do Éden bíblico, são expressos num tempo mítico marcado pela felicidade e abundância”.

O Paraíso refere-se à existência abundante das águas e das frutas, assim como relata o livro do Gênesis, a uma temperatura agradável e à altivez da gente bela e inocente que povoa esse espaço paradisíaco. A Literatura constitui a maior difusora da ideia do Mito do Paraíso, apesar de estar sempre historicamente situada numa determinada sociedade e esta, por isso, contribui para o esvaziamento do mito. A respeito do Mito Fundador, assim esclarece Marilena Chauí (2000, p.57),

A América não estava aqui à espera de Colombo, assim como o Brasil não estava aqui à espera de Cabral. Não são “descobertas” ou, como se dizia no século XVI, “achamentos”. São invenções históricas e construções culturais. Sem dúvida, uma terra ainda não vista nem visitada estava aqui. Mas Brasil (como também América) é uma criação dos conquistadores europeus. O Brasil foi instituído como colônia de Portugal e inventado como “terra abençoada por Deus”, à qual, se dermos crédito a Pero Vaz de Caminha, “Nosso Senhor não nos trouxe sem causa”, palavras que ecoarão nas de Afonso Celso, quando quatro séculos depois escrever: “Se Deus aquinhoou o Brasil de modo especialmente magnânimo, é porque lhe reserva alevantados destinos”. É essa construção que estamos designando como mito fundador.

*Maíra* foi o primeiro romance de Darcy Ribeiro a ser publicado; os outros foram *O mulo* (1981), *Utopia selvagem* (1982) e *Migo* (1988). Sua primeira narrativa ficcional, sucesso junto ao público e à crítica, está impregnada das lembranças e das vivências do escritor nas aldeias indígenas do Brasil Central e da Amazônia. O antropólogo tornava-se romancista. Dessa maneira, o indianismo é revisitado novamente, mas não modernamente como o fez Mário de Andrade, com *Macunaíma* (1928), e, sim, pós-modernamente.<sup>4</sup> *Macunaíma* e *Maíra* são dois mitos amazônicos. O de Darcy revisita também, de maneira mais evidente, o Mito do Eldorado, por meio da Visão do Paraíso, que, aliás, já está na *Carta* de Pero Vaz de Caminha. Em *Maíra*, há uma dupla preocupação do ficcionista mineiro em ressaltar: de um lado, o mundo dos aborígenes, sua convivência harmônica entre si e com a natureza, como também o seu espírito coletivo e as crenças e costumes dos mairuns, que vivem em suas aldeias, às margens do rio Iparaná, representados por Avá (que depois será Isafas e novamente Avá, voltando para a sua gente); de outro, o mundo degradado dos brancos, dos

---

<sup>4</sup> *Macunaíma* é um romance nacionalista, Mário de Andrade visava à construção de uma noção de ‘identidade nacional’, ou de ‘caráter nacional’, hipóteses que se tornaram atualmente anacrônicas. Não se pode restringir a questão da identidade a uma afirmação fechada, modernista, a fim de não limitar uma opinião, estreitando-a, como também não fundi-la com uma conquista de caráter essencialmente nacional. Em *Maíra*, Darcy Ribeiro propõe a discussão sobre o conceito de integração, que ocorre quando dois ou mais seres entram em contato e muda-se a identidade ou especificidade, a identidade aqui rompe as fronteiras estabelecidas pela lógica da modernidade.

“civilizados”, representado por Alma. Quer dizer, Mito e História, que se fundem. Por isso, o índio vira branco e a branca vira índia. Verifica-se assim um retorno ao paraíso indígena. Desse modo,

A vida de aldeia para os mairuns, por outro lado, é íntima, sensual, comunal e simples. Não existe ciúme, hipocrisia, desonestidade, ganância e inibições sexuais, o que cria um ambiente coletivo cuja harmonia parece irreal, isto é, para os padrões preconcebidos dos leitores ocidentais. Visto no seu lado melhor, ele reflete um jardim do éden ou paraíso perdido, onde todos os sentidos se manifestam numa sensualidade lírica e palpitante. (SILVERMANN, 1995, p. 157)

Outro aspecto relevante a considerar em *Maíra* é a divisão apresentada pela narrativa. Existem quatro partes, e cada uma delas recebe um título que remete à liturgia da missa católica: a 1ª parte é chamada de *Antífona* (salmos cantados); a 2ª, de *Homilia* (Pregação); a 3ª, de *Cânon* (Parte central da missa); e a 4ª e última, de *Corpus*. Cada parte apresenta subdivisões que dependem principalmente dos mitos e tradições indígenas. Esta divisão externa apresentada por Darcy Ribeiro iconiza o cisma inconciliável, narrado internamente: os brancos, ou caraíbas, oprimem intensamente os aborígines. Assim, vale citar as palavras de Alma, personagem que compara o mundo dos caraíbas com o mundo indígena:

Pra mim esses mairuns já fizeram a revolução-em-liberdade. Não há ricos, nem pobres; quando a natureza está sovina, todos emagrecem; quando está dadivosa todos engordam. Ninguém explora ninguém. Ninguém manda em ninguém. Não tem preço essa liberdade de trabalhar ou folgar ao gosto de cada um. Depois, a vida é variada, ninguém é burro, nem metido a besta. Pra mim a Terra sem Males está aqui mesmo, agora. Nem brigar eles brigam. Só homem e mulher na fúria momentânea das ciúmeiras. Deixa essa gente em paz, Isaías. Não complique as coisas, rapaz. (RIBEIRO, op. cit., s/d, p.215)

Em outra passagem de *Maíra*, quando Alma e Isaías chegam à Missão, local onde residem os padres e as freiras e onde as crianças indígenas são educadas segundo os preceitos católicos, há um evidente choque entre as culturas indígena e a branca. Os indígenas sentem-se violentados culturalmente quando veem suas crianças recebendo outros ensinamentos que não os da própria cultura. E, como na época do descobrimento, quando não se deixaram escravizar pelos caraíbas – afinal, como justificar a escravidão no paraíso brasileiro? –, reagem a esta forma de dominação cultural. Assim, as velhas índias quando veem as suas crianças na Missão reagem, resistem, gritam contra toda forma de transplantação cultural:

[...] continuam berrando na sua língua um discurso apoplético. Isaías desce os degraus, querendo abraçá-las, acalmá-las. Uma se acocora, chorando. Mas as outras continuam apostrofando. Agarram os próprios seios, caídos, secos e os balançam. Levantam as saias e manuseiam as próprias coxas, apalpando as pelancas muxibentas, xingando. A fileira de meninas se desfaz quando as velhas atacam. Mas elas agarram duas delas, que se defendem, alucinadas, enquanto as velhas índias lhes rasgam as roupas, mostrando seus corpos descarnados a Isaías, urrando furiosas, na berraria mais medonha. (RIBEIRO, *id, ibid*, p. 181)

Darcy Ribeiro, em *Maíra*, sintetiza a dicotomia existente entre a população branca e a indígena. No seu texto, devido à empatia do autor com os aborígenes, falam mais alto o índio, seus costumes, seus valores e suas crenças, diametralmente opostos aos dos “civilizados” brancos. Constrói-se um espaço paradisíaco, repleto de rituais. O Paraíso anteriormente citado é visto pela cultura branca como um espaço pagão, um espaço em que se incentiva o sensorialismo. Na aldeia mairum, o sexo, uma manifestação sensorialista, é uma prática mais livre e menos preconceituosa. “Sexo, poder e riqueza recebem do mito *seus limites e sua legitimidade*.” (RAMNOUX, 1977, p. 20). Para corroborá-lo, tenha-se em conta este diálogo entre Isaías e Alma:

– Que expressão chula, Alma. Vamos lá, procure entender. Você está com esse colar de caramujo. Esse colar, todos sabem, todos vêem que é dele. Nesse mundo nosso, as coisas feitas por cada pessoa são reconhecíveis como as caligrafias de vocês. Se eu pegar uma flecha, ou um cesto, ou um colar, qualquer coisa, e mostrar a qualquer um, ele pode dizer ali na hora quem fez cada coisa. Este seu colar é da feitura de Teró. Está na cara. O mais também se sabe ou adivinha: ele te deu o colar à noite, ontem. Eu posso até dizer como.

– E como é que foi?

– Vocês se encontraram à noite, no pátio. Ele bateu a mão no seu ombro...

– É. Bateu e eu disse, boa noite Teró, como é que vai?

– Você não precisava dizer nada não. Você só tinha que se agachar. Agachar e fornicar.

– Que fornicar, que merda nenhuma, Isaías: trepar, foder. Que mania é essa de pecado, de fornicação. Eu não fornico com ninguém não! Eu trepo, fodo. E que é isso? Você acha que ele não tinha que dar cantada nenhuma, não? Basta bater a mãozinha e eu já vou me agachando? As mulheres daqui são assim? Eta mundo bom! Tenho uns amigos lá no Rio que nunca papam mulher, vivem na segura, porque não têm bico nem peito para a cantada. Aqui, basta dar uma palmadinha no ombro e ela vai se abaixando, agachando, arreganhando? (RIBEIRO, *idem, ibidem*, p. 251)

Percebe-se que Alma, personagem carioca que foge com Isaías para a aldeia dos mairuns, a fim de fugir das pressões do mundo “civilizado”, acredita que a terra dos mairuns é a Terra sem Males, ou melhor, o próprio Paraíso terrestre, lugar onde as pessoas não brigam e onde vivem em perfeita harmonia com a natureza. A Terra sem Males é uma atualização de um mito poderoso da Idade Medieval, Ilhas Afortunadas ou Ilhas Bem-aventuradas, lugar abençoado, onde reina primavera eterna e juventude eterna, e onde homens e animais convivem em paz. A natureza, no Paraíso terrestre mairum, é repleta de árvores frutíferas, de garças alvas e suas irmãs azuis, guarás, patos, marrecos, onde a passarinhada ruge canta, o céu está sempre azulíssimo e há, na aldeia, o alvoroço da alegria de viver.

Tucanos de bicões amarelos, papos dourados, assobiam e saltam piruetas sobre as copas das árvores mais altas. Acima, nos céus, vibram azulíssimas, encarnadas, amarelíssimas, araras-unas-pitangas-jubas, voando aos casais, ciumentos, dialogantes. Logo atrás, vêm os bandos falantes de maritacas. Chegam, depois, as ancas gritadoras, orgulhosas de suas coleiras, e por fim a algazarra dos periquitos mexeriqueiros. (*Id, ibid*, p. 32 )

Conforme estudos feitos por Marilena Chauí (2000, p. 58), existem três componentes essenciais para a construção do Mito Fundador, ou o Mito do Paraíso, a saber: “a sagração da natureza”, “palavra de Deus, isto é, a história, e a vontade de Deus, isto é, o Estado”. A sagração da natureza ou, para usarmos a clássica expressão de Sérgio Buarque de Holanda (1994), a “visão do paraíso”, propõe o enaltecimento das belezas naturais, da beleza do homem em seu estado de inocência, assim como no Gênesis e na literatura dos navegantes, haja vista para a *Carta*, de Caminha. Sobre este primeiro componente do mito paradisíaco, observe-se esta passagem de *Maíra* (*Id, ibid*, p. 183):

O aspecto geral dos índios é bom, bons dentes, exceto alguns banguelas. Boa pele, limpa de sinais de doenças, exceto bexigas em alguns. Uns quantos rapagões daqui dariam excelentes recrutas. São altos e espadaúdos, como os catarinas, e exibem umas caras abertas, sorridentes, francas, que dão gosto.

A sagração da história, ou a “história teológica ou providencialista, isto é, da história como realização do plano de Deus ou da vontade divina” (CHAUÍ, *op. cit.*, p. 70), é o segundo componente para a construção do Mito Fundador. Para a aldeia mairum, o Deus católico não existe, existe *Maíra, Maíra*, o deus-mairum, o dono das vidas do seu povo.

Daqui de cima, riscando este céu sem fim nem começo, olho e vejo. Vejo tudo. Lá de baixo todos me olham e me vêem com a luz que lhes dou, devolvida. Quem pode existir, senão debaixo do peso de minha claridade? Olho e vejo, lá, esse mundinho meu. Vejo água de mar e de rio. Vejo também, lá no fundo, eles, o meu povinho mairum. (RIBEIRO, *op. cit.*, p. 254)

O romance em estudo atualiza, assim, o mito indígena e sua cultura. Como exemplo:

Seguem as lutas como devem ser. Os saltos e os esturros de desafio, a aceitação do repto, a atracação total do dorso, dos braços e das cabeças e a decisão instantânea, imprevisível. Aipá dos piraruaus contra Emeri dos quatis, vence Emeri; Náru dos gaviões contra Tupé dos tanajuras, vence Náru; Epecuí dos pacos contra guaicá dos antas, vence Epecuí; Murá dos caramujos contra Tuxá dos tracajás, vence Tuxá. (*Id, ibid*, p. 41)

O terceiro e o último componente necessário para a construção do Mito Fundador, ou Mito do Paraíso, é a sagração do governante. Nesta acepção,

o governante representa Deus porque possui uma natureza mista como a de Jesus Cristo. Assim como Jesus Cristo possui uma natureza humana divina eterna e imperecível, assim também o governante possui dois corpos: o corpo físico mortal e o corpo político ou místico, eterno, imortal, divino. (CHAUÍ, *op. cit.*, p. 83)

Este componente é claramente percebido em *Maíra* na personagem Anacã, líder do povo mairum, que será sucedido por Avá, conforme os rituais indígenas:

– Sim, mandei chamá-los, diz o tuxaua em voz baixa de onde está acororado, olhando pro chão. Mandei chamá-los, sim. Estou cansado, vocês sabem. Já dancei muito Coraci-Iaci. Já cantei muito maré-maré. Já comi muito pacu. Já bebi muito cauim. Fodi bastante. Já ri demais. Estou velho. Chegou minha hora, vou acabar. Sim, vou deixar vocês aí, sem tuxaua. Órfãos de mim. Preciso morrer para que surja e cresça o tuxaua novo. (RIBEIRO, *op.cit.*, p.15)

A Literatura, conforme dito anteriormente, é uma atualizadora do Mito do Paraíso, principalmente, por meio da narrativa ficcional e, no caso da literatura brasileira, da figura do índio. Lembre-se aqui do romântico *Ubirajara* (1874), de José de Alencar, do já citado modernista *Macunaíma*, de Mário de Andrade, e do pós-modernista *Maíra*, de Darcy Ribeiro. Além de apresentar os ritos dos mitos paradisíacos, essa ficção acrescenta ainda a “sagração da história” e a “do governante”, cada um desses romances à sua maneira, sob circunstâncias próprias, é claro. Dessa maneira, o mito sobrevive em *Maíra*, a partir da visão antropológica de Darcy Ribeiro. Não que essa não haja em *Macunaíma* e mesmo em *Ubirajara*; só que o indigenismo (conhecimento acerca dos indígenas) e não o indianismo (culto literário à figura do índio) do autor de *Maíra* é concebido por dentro, e de fora. E, em razão disso, mais crítico, mais dialético, talvez por causa de sua formação de antropólogo. O Mito e a Literatura possuem uma natureza dialógica, ambos estão submersos em determinadas culturas e sociedades de uma determinada época. Parafraseando Lévi-Straus, o Mito destina-se a mediar diante de princípios contrários. O Mito e a Literatura, sobretudo a ficcional, afirmam (-se) mentindo. Daí Fernando Pessoa dizer que “O mito é o nada que é tudo”.

## Referências

- ALENCAR, José de. **Ubirajara**. 14ª. Ed. São Paulo: Ática, 1998.
- ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**. 33ª. Ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Garnier, 2004.
- BÍBLIA SAGRADA**. Trad. de João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.
- CHAUI, Marilena. **Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária** ( História do Povo Brasileiro). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.
- PIRES, Orlando. **Manual de teoria e técnica literária**. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Presença, 1989.
- RAMNOUX, Clémence. “Mitológica do tempo presente”, in **Atualidade do mito**. VÁRIOS. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- RIBEIRO, Darcy. **Maíra**. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.
- SANTANA, Elisângela Oliveira de. **A utopia do cacau** – A trajetória do mito do paraíso nos romances Terras do sem fim e São Jorge dos Ilhéus, Jorge Amado. Santo Antonio de Jesus, 2007, 149 p. Dissertação de Mestrado (Cultura, Memória, Linguagens e Identidades) Faculdade de Letras da Universidade do Estado da Bahia, *Campus V*.

SILVERMANN, Malcoln. **Protesto e o novo romance brasileiro**. Trad. de Carlos Araújo. São Carlos/ Porto Alegre; UFScar/ Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995.